

LETRAMENTO: UMA ESCRITA-ENCONTRO

LITERACY: A WRITING-ENCOUNTER

Sônia Regina da Luz Matos Matos

Universidade Caxias do Sul
srلماتos@ucs.br

RESUMO

08 de outubro de 2019. Estudantes enviam *e-mail*: “Cara Professora Magda Soares, somos estudantes do Curso de Pedagogia XXX. Em nossa disciplina, ao lermos seu livro...[...], as estudantes elaboraram uma continuidade do poema, e abaixo anexamos nossa construção coletiva como uma forma de homenagear a sua luta pela educação ao longo de todos esses anos.” 09 de outubro de 2019. Profa. Soares responde: “... Foi com emoção que li a mensagem e os poemas que vocês escreveram. É emoção o que sinto quando as/os que me leem chegam a mim, respondendo ao que escrevi pensando nelas/es.” O artigo, por meio do método denominado de metodosofia, tem como objetivo levar o letramento para o território da ética-pedagógica que surge pela amizade intelectual povoada da escrita que arrasta a leitura: uma escrita-encontro.

Palavras-chave: Letramento; Escrita-encontro; Alfabetização; Docência.

ABSTRACT

October 08, 2019. Students send e-mail: “Dear Professor Magda Soares, we are students of the XXX Pedagogy Course. In our course, when we read your book...[...], the students elaborated a continuity of the poem, and below we attach our collective construction as a way of honoring your fight for education over all these years.” October 09, 2019. Professor Soares replies: “... It was with emotion that I read the message and the poems that you wrote. It is the emotion that I feel when those who read me come to me, responding to what I wrote thinking about them.” The article, through the so-called methodosophy method, aims to bring literacy to the territory of pedagogical ethics that arises from intellectual friendship populated by writing that drags reading: a writing-encounter.

Keywords: Literacy; Writing-encounter; Alphabetization; Teaching.

Entre três datas

A metodosofia (CORAZZA, 2020) inventada pelo espírito sem reserva energética de forças – ativas e reativas – inevitavelmente nunca se apazigua diante da pergunta. Sempre diante dela, questiona com forças de espírito investigativo quando encontra Soares, aí faz a deglutição de signos (a)significantes, (a)significados, signos-abocanhados de vibrações sobre o ato de ler e escrever. A metodosofia não possui reservatório de sinais e significações, ramificando-se pelos encontros [afectar-se e ser afectado]. Os afectos¹ são dados de quantidade e de qualidade de vibrações como a língua sempre requisita pela prudência da experimentação-vida (DELEUZE e PARNET, 1998) e morte.

Deste espírito da metodosofia, “a pesquisa do acontecimento” (CORAZZA, 2020, p.15) move-se pela *recherche* (DELEUZE, 1998) do nosso do grupo de pesquisa: Uma Pedagogia da Diferença: em alfabetização (XXX) determinada pelo vínculo institucional na Linha História, Filosofia e Educação. Por meio da metodosofia, nosso grupo e linha de pesquisa fazem uma temporária e frágil fusão intensiva e extensiva através do método de pesquisa que cria um plano de consistência pelo regime de experiência tramado pelos encontros *com* o letramento de Soares (2006).

Uma pesquisa pela metodosofia tem como tática constituir um plano de consistência frágil, micrométodo de pesquisa (MATOS, 2012), que opera pelo combate-entre forças do *logos* científico-alfabetizador do Plano Nacional de Alfabetização (PNA, 2019) e a experimentação-vida *com* o letramento, assim, este texto não cessa de problematizar o consenso, bom senso e senso comum tratado no PNA:

É preciso distinguir o combate contra o Outro e o combate entre Si. Combate-contra procura destruir ou repelir uma força (a luta contra “as potências diabólicas do futuro”) mas o combate-entre, ao contrário, trata-se de se apossar de uma força para fazê-la sua. *O combate-entre é o processo do qual uma força se enriquece ao se apossar de outras forças somando-se a ela um novo conjunto, num devir.* (DELEUZE, 1997, p.150)

Faz-se necessário desapegar dos *logos*-cientificista alfabetizador imposto pelo PNA (2019) e montar o combate entre o(s) Outro(s) que querem normatizar e normalizar, colonizar e recolonizar a dificuldade de aprendizagem escolar das pessoas em processo de alfabetização, naturalizando e reduzindo o aprender e o ensinar ao método de *logos* de evidências científicas.

Com o seu espírito de coragem quase selvagem, a metodosofia mistura uma heterogeneidade de regimes de signos “de natureza filosófica, científica, artística, literária, poética, ou seja, a metodosofia é pensada como um jogo de imagens, de espelhos, do que é colhido numa narrativa, um texto que experimenta” (CORAZZA, 2020, p.16), a variação de sentidos do que vibra em posição do letramento como parte da política de escrita.

Operamos esta variação de sentidos *com* o letramento de Soares (2006) e criamos “protocolos inventivos” (CORAZZA, 2020, p.369) para essa pesquisa acontecimento entre três tempos de datas-acontecimentos. Os dados retirados sobre o letramento são signos que possibilitam inventar linhas de esquivas por meio de textos que fazem da experiência a experimentação de um tipo de texto que escreve-por-encontros. No caso deste artigo, a experimentação operacional busca juntar-se ao método, à sofia, para que a pesquisa acontecimento seja: “[...] um tipo de sabedoria plena de afectos e perceptos, literatura e arte, ciência e filosofia” (CORAZZA, 2020, p. 2).

1 Afectos, afectar, afecções são palavras escritas com a letra c, por opção conceitual e não linguística. O filósofo Deleuze (2009) faz distinção conceitual de afeto e afecto, afectar e afetar. Não pretendemos fazer tal distinção neste artigo, apenas cunhar sua feitura conceitual.

A experiência retirada desta perspectiva da metodosofia nos possibilita que o texto apreenda as datas-acontecimentos como indicadores do percurso de deixar-se afectar e ser afectado pela amizade intelectual, do que se passou numa interação que analisaremos em três datas-acontecimentos: 08 de outubro de 2019: Das leituras pela escrita [homenagem], 09 de outubro de 2019: Solidão como povoamento de encontros e 01 de janeiro de 2023: O encontro não cessa. Assim, os três acontecimentos têm como objetivo levar o letramento para o território da ética-pedagógica que surge pela amizade intelectual povoada da escrita que arrasta a leitura: uma escrita-encontro.

08 de outubro de 2019: Das leituras pela escrita [homenagem]

2019, segundo semestre, primavera anunciada na serra gaúcha. Uma primavera com ares de final de inverno. As noites, em sala de aula, no final do corredor de um longo prédio, entre salas de aula, a sala 211, no prédio B, com estrutura arquitetônica do início dos anos 70, passamos 19 encontros juntas. Nós, 22 estudantes do curso de pedagogia. Neste prédio, as aulas sobre alfabetização tinham como debate o estudo dos conceitos do processo de alfabetização, em diferentes movimentos: socio-cultural, político e histórico em articulações das práticas pedagógicas e das políticas públicas sobre os temas: alfabetização e letramento. Como parte das referências bibliográficas da disciplina, houve a leitura do livro escrito pela Professora Magda Soares (2006), *Letramento: um tema em três gêneros*.

A leitura e estudos deste livro abrem espaço de aprendizagem ao ato de “alfabetizar letrando” (SOARES, 2006, p. 47) como parte da condição de uma alfabetização *em* letramento, que parte de uma política pela escrita inseparável da leitura. Tal política contorna exercícios de relações de forças que afirmam a potência de agir *com* encontros *pelos* escritas. A escrita extraída da leitura é parte de um tipo de política do texto (COSTA, 2017). O autor Costa (2017) afirma a política do texto, aquela que agarra o “acontecimento que atualiza o encontro” (COSTA, 2017, p.15) com as palavras que têm sentidos de desaparecimento, como segue a citação:

As palavras, como sabemos, têm o poder de fazer desaparecer as coisas, de as fazer aparecer enquanto desaparecidas, aparência que nada mais é senão a de um desaparecimento, presença que, por sua vez, retorna à ausência pelo movimento de erosão e de usura que é a alma e a vida das palavras, que extrai delas luz pelo fato de que se extinguem, a claridade através da escuridão. (BLANCHOT, 2005, p. 37)

Estar entre os sentidos das palavras escritas pela leitura e da leitura pelas escritas ocorre um tipo de vidência-homenagem à Magda Soares (1932-2023), quando em três datas as palavras traçadas movimentam o que denominamos de escrita-encontro. Pela escrita-encontro rendemo-nos à amizade intelectual pela Professora-Pesquisadora Soares (2006) e *junto* a um dos seus princípios pedagógicos: o letramento.

A escrita-encontro com o livro da autora Soares é construída durante as aulas do Curso de Pedagogia XXX com o foco de enviá-la para ela. E, por meio do correio eletrônico, as estudantes a enviaram à autora Soares (1932-2023). As estudantes implicadas pelo letramento se expandem em seus efeitos de sentidos da palavra, quando demarcam que:

(...) letramento depende essencialmente de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social; letramento é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por quê ler e escrever. (SOARES, 2006, p. 75)

O exercício de escrever por meio desta perspectiva de letramento fez com que confirmássemos a força de nosso exercício da escrita-encontro com a Professora Magda Soares (1932-2023). Assim, vai-se contornando uma certa amizade intelectual como parte desta política do texto (COSTA, 2017) e tal amizade funciona ao modo de interpelação constante de estertores, por isso:

Nasce lentamente o germe da amizade intelectual: uma atitude que em nada se assemelha ao comungar, ao aquiescer ou ao dialogar, mas antes ao constranger, rivalizar, ao guerrear – sempre em nome de determinadas ideias que mereciam durar no mundo quando deles já tiverem desertado. Uma atitude de interpelação constante, sem limite e sem piedade. Atitude de professor. (AQUINO, 2014, p. 184).

A atitude da Professora Soares (1932-2023): “Uma atitude de interpelação constante, sem limite e sem piedade” (AQUINO, 2014, p. 184) diante do perigo e ameaça do Plano Nacional de Alfabetização (PNA, 2019) publicado em 2019. Ela nunca se deixou acalcar pelas marcas impostas do retrocesso das políticas públicas deste Plano, que velozmente em seu senso comum anunciava que o letramento era o “vilão da alfabetização” (SOARES, 2019, s/p). A nossa amizade intelectual (AQUINO, 2014) pela Professora aumentava diante de “uma atitude que em nada se assemelha ao comungar, ao aquiescer ou ao dialogar, mas antes ao constranger, rivalizar, ao guerrear” (AQUINO, 2014, p.184). Este tipo de amizade ganha espaço de resistência no território sobre o letramento, quando ela enfrenta criticamente o PNA (2019) e afirma que este:

Não traz nada de novo, a não ser a pretensão de impor um método de alfabetização ao país. Talvez a única novidade seja algo que revela uma curiosa infantilidade: substituir a palavra *letramento* – já de uso corrente na educação, presente em farta bibliografia brasileira e incorporada no vocabulário de educadores -, por *literacia*. Tal substituição de termos não passa de uma tentativa, no mínimo, ingênua de tentar “salvar” o mal-estar causado por críticas feitas ao letramento, que chegou a ser chamado de “vilão da alfabetização” (SOARES, 2019²).

A desmontagem do território da alfabetização adotada pelo “Plano Nacional de Alfabetização, decretado em Brasília, 11 de abril de 2019; 198º da Independência e 131º da República: Jair Messias Bolsonaro e o Ministro da Educação: Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub” (PNA, 2019, p. 54) para a substituição da política pública que envolva letramento pela *literacia* demarca o perigo do senso comum e, ao mesmo tempo, a necessidade de cunharmos nesta disciplina da Pedagogia a relevância de uma política do texto que aponte para a força do encontro *com* o letramento. Assim, nos juntamos a Soares. Pois o ato de resistência aos discursos do PNA (2019), aos discursos de alfabetização pelo método fônico e ao reducionismo desta imposição política na formação de alfabetizadoras faz parte de nosso combate junto à voz da Professora Soares (1932-2023).

Tomar a resistência ao PNA (2019) pela via do letramento representa vacúolos de experimentação que criamos na disciplina com as estudantes, como uma zona de dispersão da palavra *literacia* e um modo de combater a *literacia* que aconteceu pela mão da escrita-encontro, por meio da amizade intelectual em homenagem à Professora Magda Soares (1932-2023).

Tomadas – nós alfabetizadoras, estudantes e pesquisadoras – pelos regimes de forças de resistir-inventando uma escrita que arrasta a leitura, ou, dito de outro modo, por meio deste espírito do letramento, decidimos ampliar o debate sobre o nosso espaço-aula-disciplina de alfabetização e homenagear a Professora a Magda Soares com uma escrita-encontro, feita por 22 estudantes.

2 Sem página. Disponível em: <<https://www.cenpec.org.br/tematicas/educadoras-comentam-cartilha-do-programa-nacional-de-alfabetizacao>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Assim, logo transcorrido o escrito, no dia 08 de outubro uma das estudantes envia a mensagem para a Professora e autora do livro sobre letramento³:

Cara Professora Magda Soares,

Somos estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade XXX. Em nossa disciplina de Didáticas Específicas, na aula de alfabetização, estamos trabalhando com o seu conceito de Letramento. O conceito foi mediado pela professora XXX através do estudo do poema O que é letramento⁴ - poesia de Kate M. Chong que consta em seu livro Letramento em três gêneros. Realizamos uma atividade que queremos compartilhar com a Senhora, ela dava a continuidade ao poema a partir das nossas reflexões e nossas ideias sobre letramento. Sendo assim, cada estudante compôs uma estrofe do poema, e abaixo anexamos nossa construção coletiva como uma forma de homenagear a sua luta pela educação ao longo de todos esses anos.

Letramento me faz sentir as palavras
 É valorização e compreensão
 É partir da errância/errar
 Letramento é a prática
 Do conhecimento ao vivo
 Sendo letrado, estou cidadão
 Tenho o mundo na palma da mão
 Letramento é o livro resistência
 É estar junto *com*
 É o sorriso no rosto da criança
 Letramento, é uma experiência
 É um modo de ler-escrevendo
 Letramento é M.S.⁵
 É a percepção dos dias sem leituras
 É o que você aprendeu com seus pais e seus avós
 É tudo que você viveu e ainda vai viver
 Letramento é história de vida
 Letramento é o delírio do leitor
 Letramento transforma a solidão em encontro
 É abrir o combate pelas culturas silenciadas
 Um letramento é povoado de texto

Esperamos que aprecie essa espécie de homenagem e saiba que és uma grande influência para todos os estudantes e docentes. Gostaríamos, desde já, de agradecer pela sua atenção e pela luta por uma educação de qualidade no Brasil.

Um grande abraço,
 Atenciosamente acadêmicos (as)⁶

3 Date: ter, 8 de out de 2019 às 14:07

Subject: acadêmicas UCS: homenagem a professora Magda Soares

To: <magda-mbecker.soares@terra.com.br>

Cc: <XXX>.

4 Soares (2006, p.41).

5 Magda Soares.

6 Optamos por não colocar o nome de todas as estudantes para manter o sigilo necessário para avaliação. No original do e-mail constam os 22 nomes por extenso de todas as estudantes da disciplina. Como a escrita-encontro se fez coletivamente em aula, todas assinaram como autoria-coletiva.

Entre a relação da escrita pela leitura do texto e a amizade pela atitude da Professora Soares (1932-2023), fez-se a preparação do texto que “escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever” (DELEUZE, 2006, p. 10). A dimensão deste tipo de escrita sussurrava a força da amizade intelectual, o sussurro de encontro alegre, do encontro com a língua aberta, do encontro que libera uma relação de ir pelos rastros poéticos do poema do livro, no qual o letramento se efetiva na experiência destas estudantes pelas práticas de escritas inventivas, de um Outro [letramento] que ignoramos, um Outro [leitura] que pode constituir-se como ato de resistência viva.

A escrita-encontro não ocupa um espaço esperançoso, ela em seu pacto com a política do texto funciona pelo eco de seu preparo que quer exprimir um criar-se num espaço de “*voir l’invisible*” (DURAS e GODARD, 2014, p. 19). Criar-se entre os espaços com a leitura do “escrever é atravessado por estranhos devires” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 17). Os devires que ativam a inspiração inventiva, quando os estranhos se ocupam do mesmo combate, o de resistir, de “substituir a palavra **letramento** – já de uso corrente na educação, presente em farta bibliografia brasileira e incorporada no vocabulário de educadores –, por **literacia**” (SOARES, 2019⁸).

O encorajamento do encontro com a força da composição conceitual **com** o letramento abre não somente a força do conteúdo composto nele, mas se espalha pela força da expressão disparada no modo de escrita-encontro, porque essa escrita acontece atravessada pela amizade intelectual da pedagogia de Soares (2006).

O letramento ganha um enfrentamento da palavra atonal, na sala de aula. A palavra letramento, desprovida de uma centralidade estruturante sobre o conceito, é uma palavra que nunca afirma o mesmo: a cada segundo o leitor é convidado a um levante (resistência ao PNA). Afirmar-se na formação de alfabetizadoras a partir da palavra letramento de Soares (2006) é uma das grandes potências das pedagogias da alfabetização. Letramento, a palavra movimenta certo levante dentro e fora das políticas de alfabetização. A palavra letramento tem um combate exterior, um levante de minorias, um levante sobre o colonialismo dos que ainda querem requerer a palavra **literacia** (PNA, 2019), tradução feita pela língua portuguesa de Portugal da palavra em inglês **literacy**. Soares (2006) assume a tradução de **literacy** por letramento (SOARES, 2019). Letramento, palavra-descolonizada, carrega um esgarçamento de um tipo de colonização sobre a enorme produção pedagógico-científica sobre o tema letramento. Letramento como palavra-acontecimento nos discursos entre a vida, a leitura e a escrita cria um código cultural por meio de encontros de processos de leituras pelas escritas subjetivas, singularidades de um letramento pela diáspora brasileira Afro-América.

Na formação de docência a escrita das estudantes, por vezes, na aula da graduação, fica restrita à autoridade do já significado, o já dito e já escrito, que pode estancar o ato de pensar. Supostamente, escrever **com** a palavra letramento exige dar fluxo à leitura pela escrita. A leitura de uma mão que diminui a verificação, a comprovação de fatos e conceitos do livro e esgarça a palavra letramento e se alarga pelas interpretações marcadas menos pela autoridade intelectual de Soares (2006) e mais pela amizade intelectual **com** Soares (2006), eis a tentativa da força deste encontro.

7 Tradução livre: “ver o invisível”. Essa citação é retirada dos diálogos de 1979 da escritora francesa Marguerite Duras e do cineasta francês Jean-Luc Godard.

8 Sem página. Disponível em: <<https://www.cenpec.org.br/tematicas/educadoras-comentam-cartilha-do-programa-nacional-de-alfabetizacao>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

A escrita desenvolvida a partir do encontro *com* a palavra letramento (SOARES, 2006) ganha espaço de escrita que “são potências do salto, do intervalo, do intensivo ou do instantâneo, e que só preenchem a diferença com o diferente” (DELEUZE, 2006, p. 210). O espaço entra em movimentos de fazer da leitura um ato da escrita, e preencher tal movimento com a experiência dos encontros dos corpos sensíveis pelas tentativas de singularização, ocupada com o inventivo e arriscado ato de escrever *com* o conceito de letramento.

A escrita-encontro ocorre pela experimentação, sem vontade de fixar-se no verdadeiro (SCHULER; MATOS; CORAZZA, 2014) sobre o letramento. A vontade de escrita é de afirmar a tentativa da potência inventiva disparada do encontro da escrita que arrasta a leitura. Isso porque, quando se exprime uma zona inventiva com esse tipo de escrita, defende-se que não é privilégio dos gênios ou artistas o ato do ensaio inventivo. A escrita-encontro que abre o inventivo age numa ação entre os movimentos de fragmentação e descentramento dos saltos que acontecem junto *com* a leitura. Ela compõe a necessidade de viver nas fronteiras de abrir espaço que elabora questões, mas que as responde, as questões são instâncias de quem ao ler nunca se faz servo do lido.

09 de outubro de 2019: Solidão como povoamento de encontros

Professora Magda Soares, no dia 09 de outubro, às 16:37 responde:

Cara Bruna e colegas, foi com emoção que li a mensagem e os poemas que vocês escreveram. É emoção o que sinto quando as/os que me leem chegam a mim, respondendo ao que escrevi pensando nelas/es.

A escrita é solitária, mas produzida sonhando com a leitura das pessoas com quem se quer compartilhar pensamentos, propostas, parceria. Por isso, quando chegam a mim resposta como a que vocês me dão, com a criação de poemas motivados pela discussão sobre letramento a partir de meu livro, é mesmo emoção e gratidão que sinto, e a certeza de que o que escrevo chegou aos destinatários desejados.

Os poemas me mostraram como vocês compreenderam letramento, como ampliaram e aprofundaram o sentido desse conceito. São reflexões que mostram que serão os pedagogos de que a educação brasileira está precisando. Muito obrigada!

E um agradecimento especial à professora XXX, colega que, de tão longe, faz parceria comigo e me levou a vocês, me colocou ao lado de vocês. Obrigada, XXX!

Um grande e agradecido abraço a vocês.

Magda⁹

A voz das palavras da Professora Magda (1932-2023) tem a força de escuta na afirmação: A escrita é solitária! Nos implicamos sensivelmente diante desta mensagem-frase como uma recomendação pedagógica, pois em nossa escrita-encontro o “Letramento transforma a solidão em encontro”. A escrita solitária nos leva a palavra solidão como parte da política do texto, demarcada nestas afirmações.

9 RES: acadêmicas UCS: homenagem à professora Magda Soares; Magda Soares <bhz160615@terra.com.br> 9 de out. de 2019, 16:37.

A palavra solidão junto à afirmação de que a escrita é solitária entra no campo discursivo por meio da plasticidade de um certo elogio pedagógico à solidão, junto ao letramento. Para expandir o elogio da solidão colocamos em cena um curso ministrado pelo Professor francês Gilles Deleuze (1925-1995). Nos anos 80, em uma de suas aulas, certo estudante comentou que na atualidade as relações humanas são estabelecidas para deixarem as pessoas sozinhas. Na sua fala, o participante lamentava sobre a ausência de relações da vida moderna e a solidão que se passa nesse tipo de vida. Deleuze o ouve e logo a seguir afirma que o problema da vida moderna não é que as pessoas nos deixam sós. O problema dela é que as pessoas não nos deixam suficientemente sós. Esta declaração sobre a solidão não fica restrita a este momento de aula.

Ainda, sobre a sensação de elogio destinado a palavra solidão, envolvemos a fala da entrevista do vídeo: O Abecedário de Gilles Deleuze (DELEUZE e PARNET, 1997¹⁰) quando ele efetiva um procedimento pedagógico destinado à solidão. Neste vídeo ele responde à jornalista Claire Parnet. Ela, assim, elabora uma série de perguntas ao filósofo, considerando vinte e cinco (25) temas, explicitados em ordem alfabética, as respectivas letras e com os temas a seguir: A de animal, B de beber, C de cultura, D de desejo, E de “*enfance*” (infância), F de fidelidade, G de “*gauche*” (esquerda), H de história, I de ideia, J de “*joie*” (alegria), K de Kant, L de literatura, M de “*maladie*” (doença), N de neurologia, O de ópera, P de professor, Q de questão, R de resistência, S de “*style*” (estilo), T de tênis, U de uno, V de viagem, W de Wittgenstein, X de desconhecido, Y de indizível e Z de ziguezague.

É a letra P, do alfabeto, P de professor, que nos interessa. Especialmente quando o filósofo aponta que a atividade de professor é reconciliar o estudante com sua solidão. Novamente compõe a posição de solidão como aquela que não envelopa o estudante e desloca-a ao benefício de aproximar a prática da sua solidão. Ouça a força deste benefício pelas palavras do autor:

Para mim, duas coisas são importantes: a relação que podemos ter com os estudantes é ensinar que eles fiquem felizes com sua solidão. Eles vivem dizendo: ‘Um pouco de comunicação. Nós nos sentimos sós, somos todos solitários’. Por isso eles querem escolas. Eles não poderão fazer nada em relação à solidão. Temos de ensinar-lhes os benefícios da sua solidão, reconciliá-los com sua solidão” (DELEUZE e PARNET, 1997¹¹).

De que elogio de solidão está nos remetendo o professor Deleuze? Por que ensinarmos o reconciliar-se com a solidão? Para responder às duas perguntas, façamos um importante esclarecimento de que a solidão à qual o professor Deleuze nos remete não é parte de um efeito romântico de isolamento melancólico. O tipo de solidão povoada de encontros é parte pedagógica que cria condições e possibilidades de aumentar a potência de agir sobre o ato de escrever a leitura, por isso, talvez a autora Soares na mensagem-frase afirme que: A escrita é solidão.

No seu livro *Conversações*, Deleuze (1992) também destaca que a solidão não pode ser associada ao ato individualizado e centralizado no sujeito que se isola do funcionamento do mundo. A reivindicação do professor é que:

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. [...]. Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. (DELEUZE, 1992, p. 14).

10 Essa referência não tem página, pois é uma gravação em vídeo.

11 Mesmo caso da nota 10, essa referência não tem página, pois é uma gravação em vídeo.

A solidão povoada de encontros é um tipo de inflexão exigente e desafiadora para a nossa época. Os encontros podem ativar uma plasticidade pedagógica que age contra/fora dos pensamentos majoritários que priorizam uma formação de aderência ao senso comum, as volatilidades e à ligeireza, a produtividade e a competição, ao binarismo e ao dualismo, ao moralismo e à hipocrisia, ao clientelismo e ao consumismo, a extermínio de povos autóctones e de pequenas comunidades, a desqualificação do singular em nome da generalização.

Esta solidão experimenta a escrita solitária quando testemunha um extremo povoamento que se entrelaça com o devir¹² que, aqui, pode ser sinônimo de movimentos. No polêmico¹³ livro *Vontade de poder* (2008), de Nietzsche (1844-1900), retiramos a seguinte definição de devir: “Devir entendido como algo que não tem estado final” (NIETZSCHE, 2008, p. 358), ou seja, o devir afirma o movimento de uma escrita, o processo da escrita pela leitura.

Assim, a disposição da solidão povoada de encontros dispara o inacabado, dispara na própria palavra letramento um devir que pode estabelecer uma linha de aproximação de duplo movimento que não se opõem a forma de conteúdo determinada a ela pela professora autora Soares (2006), mas não se cristaliza na própria forma de conteúdo. O devir movimenta a forma com velocidade e lentidão, nunca atinge sua forma de conteúdo como definitiva, nunca se conclui na forma, nem a idealiza. O devir funciona na produção disforme da palavra-letramento, buscando extrair rastros dos movimentos, por isso, para Deleuze: “Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias” (DELEUZE, 1992, p. 14).

Dito isso, ainda necessitamos levar a palavra encontro para relações de afectos, ou seja, a potência de agir de um corpo sobre outro corpo que acontece entre “pessoas – e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto –, mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito” (DELEUZE, 1992, p. 14). Os afectos são a força de existir ou potência de agir que exprimem o encontro dos corpos entre a amizade intelectual e o letramento. Um corpo pode aumentar ou diminuir sua potência de ação sobre seu corpo e outro corpo, sem necessariamente tomá-lo como processo de identificação ou representação.

O movimento – lento e ou veloz – que aumenta e ou diminui a potência de agir de um corpo denomina-se jogo de afecção da nossa política do texto. A afecção sempre expressa o tipo de potência de agir de um corpo (DELEUZE, 2009), com isso, o encontro pode ser uma espécie de “mapa dos afectos” (DELEUZE, 2009, p. 39). O jogo da afecção produz uma espécie de mapa dos afectos por causa da potência de agir dos corpos que se encontram simultaneamente entre duas ações, que são as ações de afectar e tornar-se sensível à ação de ser afectado. A potência de agir em ato do encontro é a própria afecção. Os corpos são potências que se definem pelos embates de encontros (DELEUZE, 2009), que expressamos na disciplina pela escrita-encontro.

Diante das explicitações conceituais, o que interessa é a transrelação do jogo da afecção [política do texto] com os textos, quando eles se encontram¹⁴. O texto é extensivo às suas potências de agir e ao modo de extensão ativo ou afecto alegre e passivo ou afecto triste. Mas o que aumenta a potência de agir do encontro é um devir.

12 É a partir do filósofo Heráclito e seus seguidores que se encontra o possível surgimento deste conceito. Na filosofia de Heráclito o devir é exemplificado pelas águas de um rio, que continua o mesmo, a despeito de suas águas continuamente mudarem. O mesmo homem não pode atravessar o mesmo rio, porque o homem de ontem não é o mesmo homem, nem o rio de ontem é o mesmo de hoje. Tudo que existe é conduzido pelo fluxo (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996).

13 Este livro é uma coletânea de textos, encontrados em uma variedade de textos do autor. A primeira edição desta coletânea surgiu em 1901, logo após a morte do autor (1900). Nesta edição constam 483 fragmentos. Já na segunda edição, de 1906, encontramos 1067 fragmentos de textos. Este livro foi organizado por Elizabeth Förster-Nietzsche (parte 2 e 4), a irmã do filósofo, tornando-se polêmico por isso. Alguns comentadores falam que alguns destes textos de Nietzsche foram alterados por ela. A outra parte do livro (1 e 3) foi organizada por seu amigo Peter Gast, de acordo com um plano de Nietzsche, datado de 17 de março de 1887 (FOGEL, 2008).

14 Os encontros dos corpos ao se relacionarem ativamente extraem três (3) espécies de ideias: ideia-afecção, ideia-noção e ideia-singular ou essência (DELEUZE, 2009). Ideias essas que não serão desenvolvidas neste texto.

01 de janeiro de 2023: O encontro não cessa

Sempre experienciamos o impacto sobre a morte, ela chega pelo meio, pelo corpo. Ela sempre vem do exterior e nos relacionamos com ela entre os afectos constituídos, os encontros. Ela chega como um efeito de sentido destroçado, eis o sentido do primeiro dia do ano de 2023, ele se traduzia com a palavra. Uma palavra com cinco letras, magnetiza aqueles que a anunciam. Precisamos de um certo delírio diante dela. A Morte. Palavra enigmática, de paixão triste. A morte chega para cessar a experiência, a relação com aquele que morre faz escorrer dela [pessoa] um elemento, um único elemento, sua última potência de agir entre a vida e a morte: a “solidão essencial” (BLANCHOT, 2011, p. 275) morre.

Talvez seja possível diante desta solidão essencial compor-se com um corpo que morre e que ainda pode dizer algo. A partir da solidão, e em seu desvio pelo corpo-solitário, nós aqui estamos em 01 de janeiro de 2023 a dizer: “quando os vivos provisórios se tornam mortos definitivos, há ainda algo a ser dito?” (SCHNEIDER, 2005, p. 9). A palavra em solidão coloca o encontro em movimento, pela amizade intelectual constituída pela ética do encontro.

O encontro não cessa com a morte, afirma o Professor Deleuze (2009). Os organismos que morrem, não a morte, pois quando: “minha relação ou minhas relações cessam de serem efetuadas quando morro, não havendo mais partes que a efetuem” (DELEUZE, 2009, p.235), o que desaparece com a morte não são as relações já constituídas em si mesmas, os encontros. O que desaparece são os organismos que morrem. Uma vez mais, no dia primeiro do ano de 2023, a pergunta se fazia: E a morte? A morte é o sentido inevitável, ela vem de fora, ela é a parte extensiva composta desde o nascimento pela solidão.

Traçamos os argumentos do filósofo Deleuze (2009), que defende a reconciliação com a solidão, e da Professora Magda Soares, que afirma em seu *email*: A escrita é solitária, para mostrar que nestes dois posicionamentos: solidão e solitário, ponto há uma experiência do povoamento dos encontros que são compostos pela ética dos afectos alegres e tristes – afectos que aumentam e diminuem a potência de agir do corpo sobre si e sobre o outro (DELEUZE, 2009). Essa posição da palavra solidão da força filosófica [do Prof. Deleuze] e da palavra solitária da força pedagógica [Profa. Soares] permitem constantes atualizações de virtualidades para operar a palavra letramento neste texto.

Um por vir *em* letramento como parte de uma ética-pedagógica sempre vai habitar a incompletude em torno da palavra-morte-solidão. Pela solidão vive-se, morre-se em afecção, porque quando morre-se estanca-se a própria experiência de afectar-se. Mesmo diante da morte de Soares o corpo-letramento continua por meio da amizade intelectual a afectar pelos encontros.

Para ir encerrando os três acontecimentos do texto, concluímos que no território da alfabetização e do letramento a solidão se constituiu e se implicou por meio do povoamento de encontros temporais: 08 de outubro, 09 de outubro de 2019 e 01 de janeiro de 2023, assim podemos destes encontros extrair o letramento como princípio ético-pedagógico, porque dele se retira “uma espécie de solidão que permanece como propriamente sua em qualquer circunstância; mas também uma certa agitação, uma certa desordem do mundo” (DELEUZE, 2006, p. 96). Mesmo quando o letramento sofre ataques e oscilações políticas, ele irá resistir à forma institucionalizada de políticas públicas que o banalizam e o infantilizam. Há resistência “sempre em nome de determinadas ideias que mereciam durar no mundo quando deles já tiverem desertado” (AQUINO, 2014, p. 184). Nossa amizade intelectual pela Professora Soares (1932-2023) é demarcada por sua obra e vida. Mesmo diante da morte, os encontros, o jogo de afectos, continuarão e continuam pela força-letramento. A morte de Soares (1932-2023) não cessa a força dos encontros desta ética-pedagógica. Sua última atitude ética foi que ela precisou desertar suas forças de vida em 1 de janeiro de 2023.

Referências

- AQUINO, Julio Groppa. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual**: uma plataforma para o éthos docente. São Paulo: Editora Cortez: 2014.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA - Política Nacional de Alfabetização**/ Secretaria de Alfabetização. Brasília: MEC, SEALF, 2019.
- CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Métodos de transcrição**: pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Editora Oikos, 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1KylobMvQzM8-mrzSC4r5Dz6n5lbrGDrP/view>>. Acesso em 12 jul. 2023.
- COSTA, Luciano Bedin. **58 combates para uma política do Texto**. São Paulo: Editora Lumme, 2017.
- DELEUZE, Gilles ; PARNET, Claire. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Ministério de Educação, Programa TV Escola, 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Clínica e crítica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza. Vincennes, 1978-1981**. Tradução de Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso, Francisca Eveline Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Proust et les signes**. Paris: PUF, 1998.
- DURAS, Marguerite; GODARD, Jean-Luc. **Dialogues**. Introduction, notes et postface de Cyril Béghin. Paris: Post-éditions et Centre Pompidou, 2014.
- FOGEL, Gilvan. Apresentação. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de poder**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MATOS, Sônia Regina da Luz. Formação dos profissionais da educação: inflexionando um encontro. In: **Gestão, Territórios e Redes**. A Formação dos Profissionais da Educação. (Org.). MATOS, Rosângela da Luz; PIMENTA, Lídia Boaventura; SANTOS, Paulo César Marques de Andrade e CONCEIÇÃO, Sérgio Henrique. Salvador: Edufba, 2016.
- MATOS, Sônia Regina da Luz. Micrométodo de pesquisa em educação. In: STECANELA, Nilda (Org.). **Diálogos com a educação**: a escolha do método e a identidade do pesquisador. Caxias do Sul: Educus, 2012, p.113-128.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- SCHNEIDER, Michel. (2003). **Mortes imaginárias**. São Paulo: A Girafa, 2005.

SCHULER, Betina; MATOS, Sônia Regina da Luz; CORAZZA, Sandra Mara. (Orgs.). **Caderno 6: Experimentação de escrita, leitura e imagem na escola**. Porto Alegre: UFRGS, Doisa. 2014. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1iZVxzizEMssvJZYg4OeuDnBsy54JIMWq/view?usp=sharing>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SOARES, Magda. Professora Magda Soares e Maria Alice Junqueira, do CENPEC Educação, analisam a proposta do MEC. In: **CENPEC explica**: Alfabetização em foco. 2019. Disponível em: <<https://www.cenpec.org.br/tematicas/educadoras-comentam-cartilha-do-programa-nacional-de-alfabetizacao>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Recebido em: 25/07/2023

Aprovado em: 31/08/2023